

Estante Maranhense

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

1. OS APONTAMENTOS DO ARTESÃO

As mudanças não pressentidas que operou o tino gerencial de Jomar Moraes no Serviço de Obras Gráficas do Estado — SIOGE — transformando-o, em reduzido tempo, de setor anêmico em vigorosa autarquia, ainda não davam a perspectiva do exato contorno do artesão irrelatado, já agora visualizado à luz de um mecenato, pelo patrocínio acolhedor que dispensou a Frederick G. Williams, autor de SOUSÂN-DRADE: VIDA E OBRA e do testemunho que deu de si mesmo, como estudioso vigilante e aplicado, como pesquisador de tomo, autor que é do livro APONTAMENTOS DE LITERATURA MARANHENSE, já incorporado como fonte de alta recorrência na bibliografia ludovicense.

Temperamento avesso a concílios sociais, de que só participa raramente e com o ar levemente contraído é também, por outro lado, o atual diretor do SIOGE, o que se deve louvar, arredo a promoções pessoais, de que não precisa, com certeza, pois sempre costeou dificuldades com galhardia, munido do arsenal de forças que detém no espírito.

Jomar Moraes tem, entretanto, excelente inclinação para aglutinar ao seu redor valores voltados para as manifestações humanísticas, sempre se impondo como defensor de iniciativas promissoras. Nos grêmios culturais de que participa é Jomar Moraes um inovador que se não dobra a atitudes acomodáticas nem, menos ainda, se rende aos obstáculos que surgem aos seus intentos, por saber bem transpô-los à guisa da consecução do que pretende.

Não nega Jomar Moraes sua origem humilde e as vicissitudes do seu caminho, ao contrário, as acentua sempre o que só o engrandece e motiva, a quem bem possa servir-se

do seu molde, bom exemplo. Possui excelente embasamento cultural e é senhor de prosa limpa e enxuta. Se estocado, não refoge à luta em que bem sabe lançar golpes fundos como o florete de sua pena, às vezes, molhada em incontida mordacidade de tom folhetinesco, que já se vai rareando nesta Atenas, lamentavelmente.

O sol da crítica montelliana já o sagrou em "O NOVO ESTIO DE ATENAS", publicado no Rio e nos jornais do Meio-Norte, como o continuador das esquecidas mas notáveis arremetidas gráficas de Belarmino de Matos, Frias e Alfredo Teixeira, que tanto engrandeceram o Estado com o friso ático de suas publicações e encadernações de alto requinte.

Bom seria que, um plano de publicações de obras maranhenses, de difícil acesso ou aquisição, tais como o PANTEON, a PORANDUSA, A CASCA DA CANELEIRA e outras, se enquistasse no espírito do ensaísta de Antônio Lobo, aliado a outro, de linha atual, que editasse, também, os nossos grandes poetas: Nauro Machado, Bandeira Tribuzzi e José Chagas que são uma refulgência atenéia neste Brasil.

APONTAMENTOS DE LITERATURA MARANHENSE (1976 — SIOGE — 187 páginas) de excelente feição gráfica, com surpreendente Capa de José Marcos Pereira Matos, é o largo painel cronológico da literatura do Maranhão, que vem preencher um claro, como aduz, à justa, o autor "enquanto persistir a quase completa carência de informações acerca de nossa vida literária".

O estudioso de Graça Aranha teve, ao debruçar-se sobre as instituições literárias de sua província, a feliz idéia de dividir o livro em duas partes: Situação Colonial e Autonomia Literária, adentrando-se nesses caminhos, desde o período dos Viajantes e Cronistas até a geração dos Novos Atenienses, trazendo e desfiando notáveis fontes bibliográficas da mais alta valia, o que, na verdade, enriquece e atualiza a publicação.

As "Notas e Leitura Complementares", bem como o "Contexto do Período" são outros vértices que afirmam o prumo do artesanato intelectual de Jomar Moraes.

Tem Jomar Moraes o mérito de reduzir proporções míticas de determinadas figuras, sem arrostar iras iconoclastas, colocando-as na devida proporção do merecimento da obra. Revolveu, por outro lado, da pátina do esquecimento, outras colunas que estadeiam o edifício literário do Maranhão.

Estamos informados, pelo próprio autor dos APONTAMENTOS que, em breve, será publicada a segunda edição desse livro e, para tal ocasião, é que esperamos um maior levantamento do quadro das instituições literárias do Estado, com a inclusão das origens do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras.

APONTAMENTOS DE LITERATURA MARANHENSE é livro que se recomenda aos maranhenses como vade-mecum de imediata e irrecusável consulta, certos de que, quantos o compulsem, encontrarão desde o reboar das prédicas barrocas de Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux até o magistério profícuo do velho Nascimento de Moraes e os editoriais ardentes que Antônio Lobo publicava na Filomatia e O Século.

2. REENCONTRO DO CAMINHO

Confirmando uma vocação de escritor, reteimadamente retardada, Viegas Netto, dá-nos, no retorno à sua querência maranhense dois livros: A ÚLTIMA ESPERANÇA e VELHOS RETRATOS enfileirados no Programa de Ação Cultural do SIOGE — estante que o arrojo editorial de Jomar Moraes nos vem proporcionando como Messidor.

Do Grupo Escolar Nina Rodrigues ao tempo em que, em São Paulo, com popularidade e prestígio, Viegas Netto surgia na TV-Record com seu PRETO NO BRANCO, pode se identificar, como fio condutor no repasse das recordações deste escritor maranhense, que se lança na literatura como quem, como ele, já possui largo tirocínio e treino na arte de bem escrever, um irresistível apego ao Maranhão de seus pais e seu também.

Este enfeitamento telúrico pelo Maranhão, de que não pode nem sequer libertar Viegas Netto, como tantíssimas vezes já provou, rebenta agora no “fartar os olhos nas ruínas e sobradões azulejados de Alcântara” ou em São José de Ribamar onde vive como bacharel em casa grande, mas sempre vindo a São Luís para alumbrar-se remirando a “maré de moça” das nossas praias sem igual.

Prosa aberta, haload a decantação das lições de projectos mestres maranhenses, dos quais de Antônio Lopes guardou, com fidelidade de discípulo diligente, o temor ao recheio adjetival, o que tornou o seu discurso limpo e enxuto e de fluidez transparente.

Da geração maranhense do Cenáculo Graça Aranha Viegas Netto foi dos últimos, com certeza, a romper as amarras da inexplicável inibição que mora nele, sem se atrelar ao carro dos que usam e abusam de modelos literários farfalhantes, e sem tomar o barco da marinhagem rebelada na adoção de códigos que tornam a frase sincopada e descuidada. É ele, ao contrário, escritor cuidado, consciente do seu ofício, desejando, como consegue, transmitir sua mensagem na transparência de uma arte bem maranhense

Não esconde Viegas Netto, no capítulo inicial de A ÚLTIMA ESPERANÇA (Co-edição — São Luís-MA — REVISTA

DOS TRIBUNAIS e EDIERA — São Paulo-SP), como confissão de fervor romântico, que desejou romper planuras maranhenses refestelado numa carruagem, reconstituindo em clima onírico os caminhos de sua infância na Fazenda São Tomé, bem que à procura do velho Franklin ou do avô João Alexandre de quem herdou o nome honrado e o gosto de galantear mulheres, arte em que o neto se refinou como poucos, com as tintas do seu engenho e arte.

No início de A ÚLTIMA ESPERANÇA, livre de golpes dialéticos e sem temperatura nostálgica, como é comum em escritores de sua geração, Viegas Netto nos ensina que o mundo “nunca foi muito diferente do que é hoje, isto é, jamais foi melhor, jamais será pior”, embora se tenha enredado numa visão inortodoxa na exegese da culpa inaugural de Adão e Eva e do fratricídio de Caim.

No fecho desse livro tonificante, Viegas Netto inculca na juventude uma mensagem de fé e de esperança, projeção do seu belo credo de fraternidade e do bom viver, que todos que o conhecem podem bem testemunhar. Reinsistindo nestas verdades providas dos arcanos, acentua Viegas Netto: “Tudo que se disse aqui cabe, na verdade, em algumas poucas palavras: se permitirmos que a fé vacile, dentro de nós, uma fé que implica, também, na confiança de que o homem ainda se pode restaurar no amor, para que, na essência do seu ser, refloresça o próprio Éden — estará igualmente perdendo sua última oportunidade e não mais haverá lugar para esperança. Nesta seqüência de idéias, não há medida para o amor — amor maior ou amor menor, há amor. Não é verdade, porém, que o mundo de hoje seja pior que o mundo de ontem e que estejamos às portas de um cataclisma, como se soltas estivessem as bestas do Apocalipse. Enquanto houver amor, haverá razões para esperança. É só não permitir que se apague essa chama divina na intimidade dos nossos corações, para não sermos os últimos a viver.”

Estava ao seu lado no SIOGE, quando o escritor entregava ao linotipista o oferecimento do seu livro A ÚLTIMA ESPERANÇA aos netos queridos e presenciei que Viegas Netto tinha os olhos alagados e o coração verrumado de saudades, mas não abandonava a feliz e santa crença de que essas palavras possam levar ao coração de cada um deles a esperança e a fé que desertaram do nosso.”

3. VERBO SINGULARÍSSIMO

O território poético em que se espraia o verbo de Nauró Machado, como voz singularíssima que aflige com perfurantes interrogações a alma do homem desesperado, não se

limita ao insulamento do sítio provincial, no qual se cumpre inexoravelmente a sua edificante vocação, mas ganha as praias, percute nos centros cosmopolitas, perturba e incomoda pelo vigor a muitos, aos tíbios, como os candentes temas dos velhos profetas, até alcançar as encostas da consagração nacional. quando é justamente considerado como apóstolo do verso, vivendo o estado poético que a muitos fascina pela cosmovisão de sua arte, de que tem plena consciência.

Tido ingenuamente por alguns, no teatro da exposta e saliente mediocridade local, como autor de projeções oníricas, na busca do seu credo imagético, cai, por igual, sobre o alto poeta de CAMPO SEM BASE, como sussurro apasquinado, a desrazão de falsamente ser identificada sua modelar e reconhecida contenção vocabular, como preocupação estéril de ordenar a fatura de um léxico sísmico capaz de, propositamente, impermeabilizar o campo sonoro em que trabalha.

Fiei ao seu compromisso poético, construído exemplarmente em múltiplas publicações, Nauro Machado atira a verdade da universalidade de suas preocupações éticas à face bestificada dos que se acardumam em propagar aquela heresia salaz. A vertente que o mestre maranhense contrapõe pode mensurar a altitude de sua mundividência: “Dentre em mim há um pomar / de tempo, o eterno tempo, / grito, vácuo e reza / de uma flor animal.” (ZOOLOGIA DA ALMA — 1966 — p. 17).

Nem nega o atormentado vate o quanto está afeiçoado à branda luz de sua ilha, onde se vem imolando para a reconquista do perdido prestígio literário que outrora lhe deu a fama de Atenas, pregando em suas ladeiras, em seus becos tortuosos, o evangelho poético do seu ofício, mesmo que sofra, como sofre, o escárnio da indiferença, renitente em desconhecer seu mais ardente poeta: “Meu São Luís, Santo-Rei, / padroeiro deste chão: / tira o grude de meus olhos / e a saliva desta boca, / põe-me o beijo dos mendigos / pelos lábios de uma noite. Meu São Luís, Rei de França: / leva-me ao reino da infância, / onde um galo cante em chuva / sobre o peito de meus braços, / salva o branco destes ossos, / herança da minha carne.” (NECESSIDADE DO DIVINO — 1967 — p. s/n).

O afeto de Nauro Machado a São Luís corre em sua obra como um rio de leite. Ora o poeta roga ao “Santo-Rei” que o transporte ao “reino da infância”, ora canta as vinhas do Bacanga e do Anil num assomo potâmico: “São Luís, Maranhão, ô terra minha!, / onde nasci e onde bebo e embriago a vinha / do Bacanga e do Anil, dois ébrios rios.” (OS PARREIRAIS DE DEUS — 1975 — p. 111).

Mas a tortura existencial em que se consome indenemente Nauro Machado, no testemunho da predestinação poética a que se viu sitiado desde a adolescência, chega a um grau de incandescência que o poeta se permite em desejar a renúncia do seu ferrete apocalíptico: "Já estou farto de me ser / um Caim para mim mesmo, / ó mundo! Um Caim (sem saber / de Abel) solitário e ao esmo / do viajar, seguir rotas, / quaisquer que sejam as velas. / Eis: na imaginação ou nas / pernas inda que contra elas, / dos centímetros aos metros, / as coisas, todas, medi-as, / desde os longes quilométricos / aos curtos pés, para os dias / de pouco ser, pois que sou / pelo tempo cometido. / Ladra o nada, aonde vou, / como um cão sem ser ouvido." (DO ETERNO INDEFERIDO — 1971 — p. 28).

Quem vê o poeta de NOITE AMBULATORIA retrilhar itinerários na companhia de seus versos, bem conclui, se o vê ligado aos passos de Frederico, que a Ilha lhe está dando, ao lado do momento supremo de sua constante realização poética, a infância feliz do filho amado: "não saberás do meu rosto / de agora no teu amanhã, / nem também, com que desgosto!, / dou-te escárnio ao envés de lã, / dou-te pedra sem cordeiro / balindo no escuro quarto, / onde, se acordo primeiro. / lembro tua mãe em dor de parto, / vejo tua mãe te querendo / como se a um mundo quísese, / e tu nela, enfim crescendo / qual estrela numa esfera, / qual pendão numa bandeira / erguida por sobre o sangue / de quem sente a dor primeira / da maternidade: um manguê." (OS ÓRGÃOS APOCALÍPTICOS — 1976 — p. 58/59).

A individualidade poética de Nauro Machado o transforma em um ser atormentado, vivendo o seu calvário, exposto nas entranhas de suas dúvidas. Mas sem desânimo o poeta caminha para o seu holocausto: "Sei que, no alto, uma lua renasce sempre em lua, / depois do sol. Porém, em mim, o dia se apaga / e desce à terra na órbita dos meus olhos. / Sinto: sei que não vou poder nascer de novo." (TESTAMENTO PROVINCIAL — 1973 — p. 47).

No leque intimista da poesia do autor d'O EXERCÍCIO DO CAOS o problema da morte alcança seus versos com as tintas de acerba melancolia. Vem, por anos e anos, o poeta maranhense trazendo o verbo-pão na tentativa de saciar, desenganadamente, a sua "faminta solidão". Mas o verso sufocado pela angústia acusa que não o consegue, mesmo no desespero de uma morte que renega: "A morte próxima é morte sedenta, / cruel e má, e imortal, por ser divina, / se o verbo é pão que em vísceras rebenta / o cadáver que à boca se arruína. / O verbo é pão, mas só diz "me alimenta!" à estéril esperança, em mim ruína, / que erguendo ao século

a face cruenta, / masturba a Virgem, hiena assassina. / O verbo é pão — mas para minha boca, / faminta solidão de viva pouca, / no pensamento onde me sei sozinho. / Sozinho, à dor resisto em ser mortal, / sozinho em dor de mim, e não plural / para saciar o pão que descaminho.” (A VIGÉSIMA JAULA — 1974 — p. 103).

Sem caráter de obscenidade indaga sobre o sexo com desassossegada lucidez e o mostra na crueza de sua força, sem rebuços e sem felonias: “O amor não tem júri, / o amor não tem pena. / Logo o cio o fure, / resta a água serena.” (OS ÓRGÃOS APOCALÍPTICOS — 1976 — p. 19).

No rimário de Nauro Machado corre uma avassaladora crítica social, vindicativa do pobre espoliado pela cupidez voracíssima do rico inescrupuloso. E o poeta não recusa o uso do bisturi para estiletar a carne apodrecida da humanidade desumanizada e repropõe, a cada poema, em cada verso, a verdade em que acredita e que o consome: “Há uma réstia de luz na alma apagada. / Há um conduzir de sacos e alimentos / para a semana que, ao fim renovada, / abençoa sete dias de excrementos. / Há um trevo em treva, a moeda entronizada / com o sangue negro de cruéis eventos, / e, sobretudo, onde a dor sobrenada, / há a fome insaciável dos sedentos. / Subseqüente sede de água insana / sobre a maré afogada na semana, / qual se lhe fora só de lodo a foz, / há o desfastio da alma, desfastio / quando no término de escuro cio, / para o domingo vindo em cruz, após.” (OS ÓRGÃOS APOCALÍPTICOS — 1976 — p. 85).

O verbo demiúrgico de Nauro Machado se despoja a cada dia e surge nos livros do poeta despido de extravagâncias verbais, pungente e aquecido pelo fogo que o abrasa: “Eu merecia a paz da madrugada, / o sol feliz da festa circundante, / onde brilhasse, pedra escancarada / além da treva, o rútilo diamante. / Eu merecia o oposto deste nada, / deste tremor de patas, deste guante / de fera presa e de água estagnada / e que de mim deveria estar distante. / Só este pendão de feira vagabunda, / só esta bandeira de asco, nauseabunda / bandeira erguida dia-a-dia nos meus mastros, / coube-me pois na única existência / imerecida, e minha, e que vence a / palavra tempo, onde falo, de rastros.” (A ANTIBIÓTICA NOMENCLATURA DO INFERNO — 1977 — p. 76).

Isolado, na solidão atemporal, o autor de SEGUNDA COMUNHÃO penetra no seio do Cosmo, levando contritamente o seu madeiro, numa fatalidade confessional inarredável. É o carisma de quem se sabe poeta e cumpre a vocação com exemplaridade invulgar.

Já é hora de se recolher na unidade de um livro a obra completa deste poeta maranhense que se ergue entre nós

como uma coluna de fogo, oferecendo o rosto da visão apocalíptica que o consome e o torna um alto poeta e das maiores expressões literárias nascidas no Maranhão. Essa iniciativa há de, com certeza, revigilar as vertentes da nossa poesia providas do fluido gonçalvino e das virtudes souzandras.

4. TEIXEIRA MENDES

Na obra de Renan há uma página de muita recorrência na análise propedêutica de um dos institutos da ciência política, em que o mestre francês traça as componentes conceituais de nação. Entre outras é ressaltado o culto aos homens que emprestaram comovido e exemplar serviço a um povo que, por isso mesmo, ao lembrar tal memória, a identifica como traço marcante que alicerça determinada nacionalidade.

A mais de uma razão se pode identificar Teixeira Mendes, cujo cinquentenário de morte transcorre a 27 de junho, como robusta personalidade cujos consagrados serviços permitem e ensejam uma relembração, à guisa de exemplo para a Nação, tão comprometida foi a sua vida com o processo histórico brasileiro, especialmente no final do Segundo Reinado e no início e na consolidação da República, permitindo, pela ressonância da sua obra, quadrar o seu nome dentro do conceito renaniano, pois foi integralmente um homem identificado com a Nação brasileira.

Acrescente-se mais que Teixeira Mendes é homem historicamente vinculado à nossa bandeira, um dos símbolos que nos irmana e por que já lutamos nas praias e nos mares na defesa dos legítimos interesses que ela corporifica.

Mais justificadamente deve o Maranhão memorar, enaltecer e difundir a vida e a obra de Teixeira Mendes, seu filho ilustre, nascido em Caxias a 05 de janeiro de 1885 e enramado, pelo costado materno, à família Leal Vale, à Ana Amélia, musa impossível do Poeta, cujos preconceitos de cor e de berço fizeram arder uma desejada mas impossível união conjugal, provocando por este fato de soberba do patriciado da época a vocação mais romântica da literatura brasileira.

Acreditamos que o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a Academia de Letras e a Fundação Cultural venham a realizar, oportunamente, sessões e exposições consagradas à memória de Teixeira Mendes, vulto que orgulha e honra as tradições culturais do Estado.

Esperamos que as realizações ora sugeridas venham a ser a continuação do culto ou da difusão da obra do Apóstolo, já encetados por Pedro Pestana Mendes, Jerônimo de Vi-

veiros e Luso Torres, cujas conferências estão a exigir novas edições.

Ressalte-se, à guisa de forcejar merecidas comemorações pela decorrência do cinquentenário de morte do positivista maranhense, que o Professor Pedro Neiva de Santana, no titorcínio do seu governo, trouxe ao Maranhão Paulo Berredo Carneiro, filho ilustre desta Atenas, ligado aos antepassados de Teixeira Mendes, para pronunciar palestra na ocasião em que, justificadamente, se consagrava uma praça a Teixeira Mendes e também nela se erguia a sua herma, testemunhando o tardo mas terno agradecimento maranhense.

Conhecemos Paulo Berredo Carneiro na Academia Brasileira de Letras, à véspera de sua viagem para aquela comemoração cívica no Maranhão, e dele recebemos o seu oportuno trabalho sobre Teixeira Mendes, editado pela IMPRENSA NACIONAL e à festa maranhense também estivemos presentes, aplaudindo a iniciativa, reverenciando, enfim, a memória de um filho venerando desta terra que elegemos, por adoção, como terra natal.

Teixeira Mendes foi menino pobre que abriu o seu caminho com tenacidade e esforço diuturno, chegando a ser aluno do IMPERIAL COLÉGIO PEDRO II, conquanto se negasse, com pertinácia, a receber a fé do grau do bacharelado a que tinha direito por conquista meritória, mas que estava vinculada ao juramento de respeito às instituições imperiais de que ele não partilhava. Era geômetra, mas o que lhe mais enaltece a fascinante personalidade é o anseio da fraternidade, tão bem exarado na sua obra dispersa e inorgânica, por isso mesmo pouco difundida.

Espírito conciliante, Teixeira Mendes aplaudiu a proposta de Benjamin Constant ao Governo Provisório para a devolução ao Paraguai dos troféus de guerra conquistados pelo nosso Segundo Império.

Está o líder do Apostolado na vanguarda dos que pleitearam sensíveis melhoras para os trabalhadores, não só quanto à salubridade mas quanto ao salário, gratificações, estabilidade após sete anos de serviço e aposentadoria remunerada.

O círculo de influência dos positivistas, na manhã republicana, possibilitou a que Teixeira Mendes organizasse o calendário de feriados nacionais e defendesse os nossos índios, pedindo para eles uma reserva florestal.

No plano cultural lançou-se o positivista maranhense às iniciativas de erguer monumentos à memória de Benjamin Constant e à de São Francisco, esta quando as forças já lhe faltavam.

Mas, diga-se também que Teixeira Mendes mantinha um culto exacerbado a Clotilde de Vaux, exercendo em suas prédicas, em que foi imbatível, um rigor quase inquisitorial, o que

o levou à esquisitice de manipular uma missa positivista e uma semana santa.

Não me fujo de acentuar, e me dou o prazer de louvar, que encontrei em Almir Moraes Correia, que tem intimidade com a obra de Teixeira Mendes, um exemplo, quando arregimentava as entidades culturais do Maranhão para prestar uma homenagem por ocasião deste cinquentenário. Acolhi a idéia e a fiz também minha, ainda que esmaecida nesta nota.

Edmund Burk acentuava que o Estado é uma comunidade de vivos, de mortos e de futuros homens. Nós maranhenses celebremos a memória de Teixeira Mendes — um grande morto — para que motive, do exemplo de sua vida e obra, vigorante perfil para novos grandes filhos do Maranhão.

A 27 de junho de 1927 morria Teixeira Mendes, vitimado de subitânea *angina pectoris*. Venha, pois, esse cinquentenário a ser comemorado como é do nosso dever.

Qualquer que seja o posicionamento filosófico que se tenha, não se pode negar que Teixeira Mendes é um facho de luz que alumbrava o Maranhão, e que dele, do seu povo, deve merecer justas homenagens.

O sistema de Augusto Comte é identificado por alguns como ancilosado, o que não intimida que, por outro lado, fogosos paladinos o tenham ainda como religião da humanidade.

O cinquentenário de Teixeira Mendes — corifeu do positivismo brasileiro — ensejará um balanço atual, sério e isento, desta corrente de idéias em nosso país. Melhor ainda que entre nós, maranhenses, surgisse ensaio com tal escopo, enfocando o raio de incidência da doutrina comteana no Meio Norte. Melhor homenagem não se poderia tributar a Raimundo Teixeira Mendes, se a sugestão viesse a se transformar em realização. Esperamos que a semente caia em terreno fértil, pois, afinal, os gregos sempre gostaram de filosofia e nós nos ufanamos do título de Atenas.

A Universidade do Maranhão tem excelente oportunidade para promover pesquisa cujo objetivo fosse o de levantar o painel do positivismo no Estado, o que, de resto, representaria uma contribuição valiosa à bibliografia nacional. Velhos jornais maranhenses guardam o ardor de prolongadas polémicas entre o clero e a juventude positivista, a que Aluísio de Azevedo pertencia.

A pesquisa a que nos referimos, e que desejamos ver iniciada sem tardança, faria a recensão de, pelo menos, estes jornais: ORDEM E PROGRESSO, JUVENILIA, PAÍS, SEMANÁRIO MARANHENSE, MEQUETREFE, CIVILIZAÇÃO, PACOTILHA, DIÁRIO DO MARANHÃO e O IMPARCIAL, sem esquecer, de outro ângulo, o lastreamento biográfico de maranhenses positivistas, cujo rol se inicia com José Patrício de Almeida, aluno de Augusto Comte em Paris, em 1839.

A influência do positivismo maranhense não se reduz às fronteiras do Estado, alarga-se, como veremos, penetrando em outros territórios, nos quais a presença maranhense se destacou. Prova disto é a participação do jurista Francisco José Viveiros de Castro em Pernambuco e a de Domingos Teófilo de Carvalho Leal, este de marcante projeção política no Amazonas, nos dias inaugurais da República.

O Ceará surgirá neste estudo através de Capistrano de Abreu que, durante certa fase de sua vida, foi atento ouvinte da pregação de Teixeira Mendes no Apostolado. Aluda-se, ainda, no que respeita a contribuição cearense ao positivismo exercitado no Maranhão, que Rocha Lima, jovem animador do movimento literário denominado Academia Francesa e positivista confessado, publicou, em São Luís, em 1878, na Tipografia do País, o seu livro CRÍTICA E LITERATURA.

Outra iniciativa que poderia prosperar, esta no campo editorial, seria a reedição do ESBOÇO BIOGRÁFICO DE BENJAMIN CONSTANT, com certeza o melhor trabalho da lavra de Teixeira Mendes.

Justifiquemos nossa legenda cultural. Entremos no templo da filosofia maranhense, não para acender os brandões do pieguismo saudosista, mas para conversar com Teixeira Mendes, para ouvir as preclaras verdades que ainda nos anuncia das páginas de sua obra. Assim é que poderemos vestir o manto grego. Assim é que seremos reconhecidos como filhos desta Atenas Brasileira.